Foto: ANTÓNIO ... OLIVEIRA

Sumário

N.º 81
JANEIRO
1946

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

ANO NOVO: 1946

Deus seja convosco.

Veem quási um mês depois estas palavras que logo ouvistes tantas vezes na entrada dêste ano novo.

É que temos tôda a alegria em vo-las repetir, embora assim um tanto fora do seu tempo.

Deus seja convosco!

Li há dias num jornal de província o que se segue e aqui vem a talho de foice.

— «É aspiração da Igreja que todos os seus filhos ofereçam a Deus a alma como um templo, onde o Senhor seja conhecido, amado e servido com sinceridade».

«É interessante observar como na linguagem dos nossos pais se reflectia esta grande manifestação do amor maternal da Igreja».

«Quando alguém chegado a qualquer parte, saudava as pessoas presentes, exclamando: — *Deus esteja!*

A resposta dos donos da casa era: *Deus venha.*

Na retirada era o mesmo pensamento que predominava nas fórmulas de despedida:

Deus fique — diziam os que partiam.

Deus vá — era a resposta dos que ficavam — e uns e outros se diziam:

Nosso Senhor nos aparte em bem.

Ainda hoje, aí nas nossas terras de província, é frequentíssimo saudarem-se as pessoas com a tradicional e portuguesíssima fórmula:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Crito — dizem os primeiros — aos que acodem os outros:

Para sempre seja louvado e *sua Mãe Maria Santíssima.*

* * *

Tudo isto veiu a propósito, dizia eu — porque o fundo destas linhas é desejar-vos o melhor que se pode desejar a alguém, neste ano de 1946:

Deus seja convosco.

E' como dizer-vos que nisto está o máximo de felicidade, aconteça o que acontecer.

Tendes concerteza reparado, durante as funções litúrgicas da Igreja com a assembleia dos fiéis é saudada frequentes vezes pelo ministro de Deus que preside:

— *Deus seja convosco.*

Tem na verdade esta saudação tôda a suave poesia oriental que uma vez ouviram os campos de Booz e a que os Patriarcas antigos emprestavam grandesa impressionante. No uso português tem igual poesia e beleza — derrama paz e graça e os que a trocam em cumprimentos, se a viverem, recordarão a teologia que ela encerra.

Deus seja convosco...

E' o mesmo que vos dizer: andai sempre na graça de Deus.

Templos de Deus...

Templos vivos de Deus Vivo.

Na graça de Deus...

1946: na graça de Deus.

Deus seja sempre convosco!

G. A.

FALEMOS COMO AMIGAS

O que é que as torna encantadoras?

ASSIM como tempos sempre um defeito dominante, também graças a Deus temos uma ou mais qualidades que se sobrepõem às outras e dão à nossa personalidade um cunho de individualidade.

Bom é que cada um de nós, fazendo por conhecer-se vá substituindo cada um dos seus defeitos pela qualidade ou virtude oposta, para assim se aperfeiçoar.

* * *

O que torna *Arminda* encantadora é aquela presteza em atender os outros; em ajudá-los, em ampará-los, em servi-los.

Arminda esquece-se de si mesma, e isso torna-a inesquecivel.

* * *

O que torna *Ana* adorável é a sua caridade.

Ana é caridosa em tudo; no gesto, na voz, no olhar, nas palavras e nas acções.

E' meiga, boa e afável. Nunca troça de ninguém e tem sempre uma palavra de desculpa ou defesa quando diante dela criticam outra rapariga. Às vezes encobre as asneiras dos irmãos para que os não castiguem.

Não critica nem diz mal de ninguém. Em casa é o ai Jesus da família. Tôdas a adoram e perdoam-lhe os seus defeitos por que sempre se lembram de quanto é caridosa. Ana tem o perfeito espírito cristão; e essa caridade indulgente com as outras não a impede de ser severa consigo mesma.

* * *

Romana é querida de tôdas porque é sincera. Romana é incapaz de mentir. Com ela pode-se contar. Tem um carácter extremamente direito. Não sabe o que são subterfúgios ou palavras dúbias.

As vezes é áspera e dura. Tem um génio vivo mas ninguém se ofende, por que Romana é recta e verdadeira.

Êste valor moral apaga ou anula êsses seus defeitos. Incapaz de mentir a si mesma, Romana humilha-se, pede desculpa, e não descança enquanto não emenda os seus erros. Tem a coragem de ir dizer: «Eu enganei-me desculpa, tu é que tinhas razão. Fiz mal perdoa-me».

A lealdade e a firmesa de Romana é que fazem dela uma rapariga de carácter. Como tal é considerada e querida por todos.

* * *

Brigida não é muito bonita, mas tem um encanto especial que a não deixa passar despercebida. Essa simpatia que emana dela, provém sôbre tudo, da sua paciência e meiguice.

Isto faz com que as amigas digam que vai a caminho da santidade.

Brigida tem muitos defeitos, mas esta grande virtude é que lhe dá aquêle ar dôce, encantador. A sua meiga paciência com a avó já vèlhinha, esquecida, e teimosa, é conhecida no bairro.

Trabalhos fastidiosos, acabam por ir ter a Brigida. Visitas aborrecidas: «O' Brigida, tem paciência vai tu ver a tia Laura que é tão embirrenta, tens tanto geito para falar com ela» e lá vai Brigida... Os manos têm estudos complicados. «O' Brigidazinha ajuda-me neste problema!» Situações emaranhadas, é Brigida quem resolve, e assim por diante. Aqui está porque Brigida é indispensável em casa. Quando Brigida não está já o pai fica inquieto, a mãe suspira, as pequenas aborrecem-se. E' adorada dos pobres e necessitados e querida de todos.

Quando ela passa com aquêle ar calmo e discreto, diz-se sempre ao ver a suavidade da sua fisionomia: «Que encanto de rapariga!...»

* * *

Conceição é uma criatura adorável!!! Sem ser, nem instruida, nem muito brilhante, nem muito bonita, é no entanto distintíssima!

Podia ser dada por exemplo à maior parte das raparigas da sua idade. O seu atractivo reside em grande parte na sua finura senhoril. Esta provém da sua boa educação. Conceição é extremamente delicada nas palavras, nos modos, nas acções e até nos pensamentos. E' esquisito como estas coisas tornam uma pessoa distinta!!!...

As mães dão-na por exemplo às filhas, e muitas raparigas invejam-lhe o sucesso e o partido que tem. Apesar disso Conceição não é tôla, nem orgulhosa. Também não é rica. Não; no atractivo de Conceição o dinheiro não entra. E' que ela é em tudo comedida e discreta, agradável, amável, simples. E depois, nunca ri na rua de maneira espalhafatosa; não é garrida, nem provocante; em suma: é educada. Conceição sabe o respeito, a atenção e a deferência que se devem às pessoas de idade. Sabe lidar com crianças falando-lhes simplesmente. E' agradável e natural com raparigas e rapazes, mas mantém sempre estes últimos a boa distância. Nunca lhes consente liberdades, nem encontros a sós, ou passeios de braço dado. Por isso mesmo nunca nenhum troçou dela nem se pode gabar de qualquer atenção especial. Tem uma dignidade tão senhoril que todos a respeitam e adoram. Tem mais sucesso que outra qualquer rapariga do seu meio. No entanto Alda é bem mais bonita e elegante, e Noémia muito mais brilhante e esperta.

Numa festa ou num baile Conceição era a mais requestada. Agora vai casar. Está tão feliz!!!

E' que em Conceição os rapazes pensaram sempre a sério, e êste sabe bem que perfeita mulher e que boa mãe de família ela há-de vir a ser.

À HORA DO CHÁ

O inverno traz com êle uma hora deliciosa: a hora do chá. Sabe bem uma chávena de chá quente, quando enregeladas entramos em casa. E se a tomamos numa casa amiga, em boa companhia, então a hora do chá é ainda mais do que o prazer duma bebida reconfortante, é uma ocasião de alegre intimidade, em que o tempo passa naquelas longas conversas que são «roubo de tempo», mas que poderão também ser tempo bem aproveitado, se soubermos dirigir a conversação.

Antigamente, quando duas senhoras se juntavam, o tema quási obrigatório da conversa eram as criadas.

Actualmente, a maior parte das senhoras já se convenceram que o assunto é de «mau gosto, muito mau gôsto»!

Mas com o desaparecimento dêste tema banal e caseiro, nem porisso as conversas ganharam muito. As críticas e as futilidades enchem o tempo...

«Mau gôsto, muito mais gôsto!» poderíamos repetir.

E' tão feio falar mal dos outros!

Vocês, raparigas, não se habituem a fazer das vossas conversas sessões de má língua.

Não queiram ser como aquela princesa má — das histórias da minha infância — de cuja bôca saiam cobras e lagartos e outras coisas horríveis!

Sejam, antes, a boa e linda princesa de cuja bôca só saiam flores e pedras preciosas.

Detestem a maledicência e abstenham-se de conversas maliciosas e deshonestas.

Que a vossa bôca fresca de raparigas não se manche com conversas que são como uma enxurrada das valetas que arrasta consigo tôda a imundicie.

Percam também o costume — se o têm — de discutir a propósito de tudo e de nada; não se queixem constantemente das pessoas e da vida; não digam «piadas» que magoam, não façam troça dos defeitos físicos nem amesquinhem qualidades.

Não espalhem cinza, desolação e mal estar com as vossas palavras.

E pôsto de lado o mal, procurem elevar o nível das vossas conversas.

Não vos ocupeis tanto de rapazes e de namoros, de cinemas, modas e outras frivilidades. Não faltam assuntos mais interessantes!

Cultivai o espírito de observação que enriquece a conversa com impressões pessoais.

Com simplicidade, sem querer armar em eruditas, comunicai as ideias colhidas nas vossas leituras. Evocai as vossas recordações de viagem. Transmiti as vossas impressões duma exposição, dum concêrto, duma conferência, duma visita a uma obra de assistência... Tudo isto poderá dar-vos assuntos interessantes de conversa.

E até, aqui, no vosso Boletim, não encontrais motivos de conversa, por exemplo, no «Chá da costura» ou em certas páginas literárias ou de formação?

Até esta ou aquela fotografia — tão bonitas algumas! — poderiam prender um pouco a vossa atenção.

Os assuntos não faltam.

Aprendei a tirar partido das pequenas coisas, que postas em relêvo com graça ou com coração, tornam a conversa agradável, e até útil, edificando sem ar de sermão.

Há pessoas que teem a arte de conversar. Se não possuímos êsse dom, procuremos adquiri-lo.

Mas olhai, que saber conversar não é ser *bem falante!* Longe disso. É falar com simplicidade e afabilidade, sem afectação nem palavras rebuscadas.

É saber entreter e fazer bem com as nossas palavras.

Saber conversar é ainda saber escutar com atenção, sem manifestar aborrecimento nem indiferença; é não interromper os outros para tomarmos nós a palavra, alongando-nos em intermináveis *tagarelices* cujo tema repizado é o nosso *eu.*

Sem sermos excessivamente reservadas — o que tambem é um defeito, sobretudo na gente nova — no entanto não faleis muito de vós mesmas.

E sem serem excessivamente exuberantes — o que por vezes sôa falso — sem empregar a tôrto e a direito expressões como estas: «amor, querida, adorada», testemunhai aos outros afeição com palavras sinceras e carinhosas.

Saber conversar é falar sem nos fazermos mal a nós mesmos e sem espalhar o mal à nossa roda.

Saber conversar é pôr luz na conversa, metendo nela qualquer coisa de superior.

COCCINELLE

Foto: NEUMULLER

NOTICIAS DA M. P. F.

Alguns aspectos da vida do Centro n.º 24 — Pôrto

1.º DE DEZEMBRO — *Imposição de insígnias às Graduadas, na Festa solene, em Vila Real, pela Sub-Delegada Regional da M. P. F.*

Curso de culinária. Na sala de jantar da Cantina da Escola Comercial de Oliveira Martins

Curso de Corte no gabinete da direcção do Centro

Acampamento realizado na Quinta dos Andressen. As filiadas, dirigidas por uma Instrutora, entoam cantares regionais

Curso de Culinária na cantina da Escola Comercial de Oliveira Martins

Os Guiões e a Bandeira com um grupo de filiadas, nos jardins da Escola

Passeio ao Monte-Crasto

Filiadas e Instrutora num acampamento na Quinta dos Andressen

Acampamento realizado na Quinta dos Andressen. Filiadas junto do carro da lenha

Filiadas com Instrutoras e Professoras num acampamento realizado na Quinta dos Andressen

Filiadas a trabalhar para os pobres

Grupo de filiadas junto do berço que vão oferecer à O. M. E. N.

As virtudes femininas na Arte e na Vida

O gôsto e a sensibilidade artistica não são privilégios só dos homens. As senhoras, talvez, mais do que estes, são dotadas daquelas virtudes e, embora o número de pintoras e escultoras profissionais não seja grande, a verdade é que na vida prática a função — e sua utilitária missão — do gôsto e da arte é mil vezes maior, de grande educação e de proveitosos resultados para a felicidade comum. A mulher é quem compõe o berço da criança com côres alegres e formoso de originais graças; a mulher é quem lhe adorna o quarto de brincar e de estudar; é ela quem dispõe, ornamenta, enriquece e torna de aspecto agradável, festivo e artístico, a casa em geral, desde o arranjo da mesa de trabalho ao da de jantar, desde os quartos de dormir ao jardim ou pátio onde sempre as flores, as bujigangas lindas, os quadros emotivos, os livros bem ordenados, as almofadas, as rendas, os próprios móveis tomam aquela excelente função de embelezamento de ambientes para auxilio dos encantos da vida social, isto é, da família, da educação do gôsto e das sensibilidades natas de propensão artística.

ZOÉ BATALHA REIS — Óleo

Assim, poderia afirmar-se, que dum modo geral, a mulher é mais artista do que o homem. Basta confessar-se o cuidado que ela tem em saber-se vestir, em usar dos gestos e dos sorrisos, em ser simpática e bela, quando o homem, ao contrário, descura isso a que chama futilidades, mas tanto aprecia e estimula, porque também tem o culto de beleza, ainda que inconscientemente, na graça da mulher que adora.

Aparte aqueles dons, segrêdos ou predicados de educação, a mulher também é artista, no sentido profissional ou de amadorismo na acepção que se dá à classificação. As mulheres são músicas, bailarinas, poetisas, actrizes, escultoras, pintoras e mesmo arquitectas. Muitas destas artistas alcançaram celebridade em Portugal. Recordando principalmente as pintoras, a história enumera infantas e donas nos derradeiros séculos, que pintavam retratos, imagens santas, flores e cenas de interior ou festas de côrte. Outras pintavam quadros decorativos, espaldares de leitos, frescos em paredes, miniaturas, páginas de livros e relicários; e tôdas ornamentavam salões e organizavam festejos de arte.

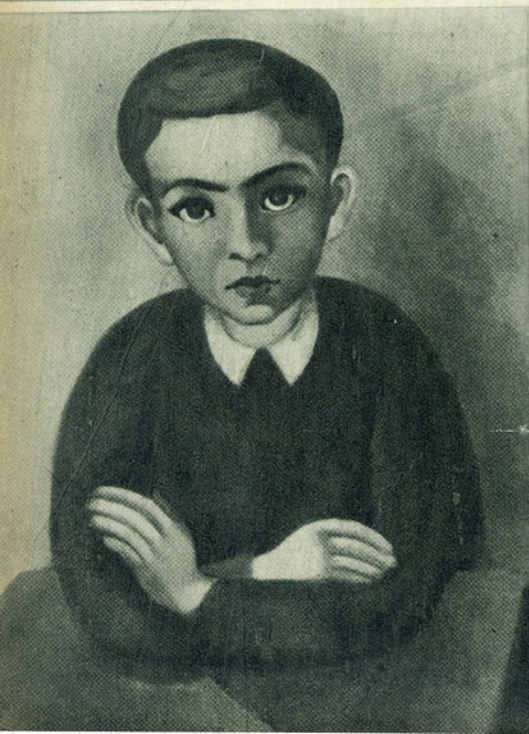
Entre as pintoras mais notáveis que houvemos, Josefa de Ayala — ou *Josefa de Óbidos* se distinguiu no século XVII, assim como na escultura foi Inácia de Almeida, a mais afamada. No século imediato muitas outras se tornaram celebradas, desde Micaela Arcângela, «boa miniadora», Catarina Vieira, irmã do Vieira Luzitano, e Joana Inácia — ou *Joana do Salitre* —, até Rita Joana de Sousa, Isabel Maria Rita, Luisa Maria Rosa, Ana Catarina de Lorena, Margarida de Noronha, Maria do Guadalupe Lancastre, e princesas como Maria Benedita, Maria Teresa, Maria da Assunção e Ana de Jesus Maria, não esquecendo monjas que em celas e capelas encheram os altares de quadros e presépios. Como escultoras houve Tomásia Luísa Angélica e sua irmã Maria Josefa, que deixaram boa nomeada no Pôrto.

MILY POSSOZ — Sintra

* * *

No século XIX as artes tomaram particular desenvolvimento, e logo as senhoras ingressaram nas confrarias da especialidade, com igual exaltação de ânimos e ambições, indo até às exposições públicas e tomando lugares de honra entre as melhores artistas. Assim para citarmos meia dúzia de nomes muito respeitáveis, nos últimos tempos, lembraremos Josefa Greno, Viscondessa de Alto Mearim, Condessa de Sistelo, Sofia de Sousa, Aurélia de Sousa, Zoé Batalha Reis, Berta Ortigão Ramos, Laura Sauvinet, Emília dos Santos Braga, Margarida Costa, Sarah Gonçalves, Virgínia Avelar, Teodora de Abreu, Adelaide de Lima Cruz, etc., etc., etc., admirável núcleo de grandes pintoras com que se poderia formar hoje uma parada de *Salon*, que por certo atemorisaria as prosápias artísticas do sexo masculino.

Estimuladas, certamente, pelo génio de Berthe Morisot e de Mary Cassatti, senão pela graciosidade de Marie Laurencen, Marie Blanchard, Louise Hervieu e Mariette Lidys, em Portugal também surgiu um valoroso ramilhete de pintoras, como Alice Rey Colaço, Maria de Lourdes Braancamp, Milli Possoz, Estrêla Faria, Sarah Afonso, Clementina de Moura, Helena, Raquel e Mamia Gameiro, Gardy Arriaga, Maria Keil do Amaral, Ofélia Marques, Maria Franco, Maria Adelaide, Alda Machado dos Santos, Maria de Lourdes Melo e Castro, etc., a par de escultoras como Maria Ribeiro da Cruz, Branca de Alarcão, Germinia da Cruz, Ana de Gonta Colaço, Isabel Gentil e algumas mais que, por exibições de arte, com prémios e louvores da crítica, confirmam quanto aqui proclamamos.

Nas artes decorativas, na ilustração de livros, na publicidade com gôsto, nas exposições internacionais e nos nossos museus, algumas se têm evidenciado com a representação devida, devendo-lhes nós, os homens, vénia e respeito por tão honrosa camaradagem. Mas mais do que por tudo isto, repetimos, lhes devemos tributar um culto de gratidão e admiração, porque à mulher foi dada por Deus a graça de nos encher de graças e de arte as saudosas evocações da meninice e as deleitosas paixões de gôsto no restante da nossa existência, visto que a vida sem beleza, espírito e sonhos seria um inferno de positivismos cruéis, que só a mulher, criança, adolescente ou idosa, com suas virtudes excepcionais sabe dissipar ou etenuar, pela doçura dos encantos, pela ternura dos sentimentos, pelo sentido do belo, e pela comunhão bendita do amor. Para nós outros, artistas, a nossa filha, a nossa noiva, a nossa mãe, são obras-primas da Natureza, que transfiguram em obras de arte quanto seus dedos tocam e o seu coração sublima.

DIOGO DE MACEDO

SARAH AFFONSO — Retrato

ESTRÊLA FARIA — Óleo

MARIA KEIL DO AMARAL — Auto-Retrato

RAPARIGAS DE ONTEM

UMA chuva forte e contínua cobria de tristeza a paisagem de ordinário tão alegre do Vale do Lima, uma das mais ridentes do Minho, e na sala grande do solar, situado a meia encosta, a luz coada pelos vidros das grandes janelas era cinzenta.

O silêncio era apenas cortado pelo martelar do teclado de uma máquina de escrever, um verdadeiro anacronismo nessa sala, nessa casa, e quási que nessa bucólica paisagem.

Na verdade, a maquina de escrever não dizia bem com o «console» dourado que ia até ao teto em castanho apainelado, em forma de chapéu de sol, nem com os bufetes D. João V e com todo o mobiliário da mesma época, e fazia um espantoso contraste com a mesa de pau santo e de pés arqueados, terminados por garras, onde estava pousada.

O mesmo contraste faziam as duas raparigas que na sala se encontravam. Elas eram quási que a personificação de duas épocas, embora fizessem pouca diferença de idade, e, o que é mais extraordinário, fôssem irmãs. A que escrevia à máquina absorvida pelo seu trabalho tão completamente, estava em harmonia com a sala, apesar de não ter ainda 20 anos.

O seu perfil de medalha grega, a sua palidez, os bandós pretos e ligeiramente ondulados do seu cabelo, que entrançado lhe rodeava a cabeça, davam-lhe um aspecto de castelã que não destoava na velha sala, se a sua ocupação não fôsse tão moderna.

A outra rapariga, mais nova um ano, com cabelos de um louro fulvo, cortados e arranjados em caracóis, como era moda nesse ano de 1935, tinha o aspecto mais que moderno. A sua fisionomia, de uma extraordinária mobilidade, reflectia nos grandes olhos dourados e na bôca grande e expressiva os diversos pensamentos que a concentravam em frente de uma das janelas. Imóvel, a cara junto dos vidros que o vento e a chuva açoitavam, ela via tristemente cair a chuva do equinócio, que fazia dessa tarde de Setembro quási que uma tarde de Inverno, e contemplava a paisagem que a névoa para os lados de Viana tapava como uma muralha. Os vinhedos, os pomares, os campos de um verde esmeralda, que fazem as margens do Lima tão ridentes, estavam como que arrepiados com os açoites do vento e as chicotadas da chuva.

De repente exclamou:

— Ah! Gabriela, quem me dera ser como tu e conseguir ocupar-me sempre com qualquer coisa! Mas sabes? a tua máquina de escrever está a irritar-me e o seu monótono barulho aumenta o aborrecimento dêste dia, desta casa e de tudo o que me rodeia.

Serenamente, Gabriela parou de escrever e olhou a irmã com uns grandes olhos negros em que a bondade se lia, e disse-lhe sorrindo:

— É que eu, Maria Luísa, não sou como tu; adapto-me logo aos meios e estou pondo em dia a correspondência com as nossas tantas e tão variadas amigas, mas quando digo que me adapto, tenho vontade de rir porque olhando à minha volta tenho a impressão que devia escrever com uma pena de pato dourada enão com esta máquina portátil, que foi a mais apreciada prenda que me deu o nosso pai quando passámos em Paris.

— Não me lembres êsse tempo, que ainda me fazes sentir mais duramente a tristeza dêste dia e porque não hei-de dizê-lo? a tristeza da nossa vida. E eu, tu bem o sabes, não sei estar triste, é uma doença para mim, e penso sempre o que foi a nossa vida com o pai, sempre tão alegre, depois que saímos do colégio.

É na verdade triste a nossa vida neste momento, mas temos de dar muitas graças a Deus, porque quando tivemos a grande dôr de perder o nosso pai nos sentimos isoladas, recebemos logo as cartas tão amigas da Avó e da Tia Lota, que desde que aqui chegámos nos tem dado uma hospitalidade encantadora. Lembra-te de tantas raparigas que ficam sôs no mundo sem que se lhes estenda uma mão amiga.

— Não me venhas com coisas mais tristes ainda, não quero pensar nessas; quero só pensar nas que vivem alegres e a quem nada entristece. Quero pensar no que nós éramos até há oito meses. Não me posso habituar a esta vida insípida da província, preciso de movimento, e, além disso, não gosto de estar na dependência das outras pessoas, quero ganhar a minha vida e não sei como consegui-lo com a maneira de pensar da Avó.

— A Avó é tão boa que certamente acabarás por conseguir o seu consentimento; mas já pensaste na tristeza de nos separarmos e qual será a tua colocação?

— Não mo lembres porque perco a coragem, nós nunca nos separámos. Talvez se arranje qualquer coisa em que possamos estar juntas.

Gabriela abanou tristemente a cabeça e disse:

— Não filha, não penses isso, eu já compreendi que devo ficar sempre com a Avó, ela está tão feliz com a nossa companhia, que é a única compensação ao seu desgôsto; nós perdemos um pai, mas ela perdeu um filho e olha que não é mais pequeno êsse desgôsto!

— Que boa és Gabriela, quem me dera ser assim, mas não posso! A idéia de passarem meses uns atrás dos outros e eu aqui metida sufoca-me, mas sabes, tenho a impressão que vai ser difícil arranjar colocação e que será sempre aqui mal aceite uma rapariga da nossa classe trabalhar.

— Também assim me parece; no entanto, o que temos é bem pouco para o que estamos habituadas, e a avó, embora possua esta linda casa cheia de preciosidades, parece-me que tem a vida um pouco atrapalhada pelas fantasias do tio Paulo, que lá anda pela América e dá tão poucas noticias.

(Continua na página seguinte)

A PADROEIRA

PORTUGAL celebra êste ano o 3.º centenário da doação do Reino à Imaculada Conceição, feita por D. João IV, em Vila Viçosa, no dia 25 de Março de 1946.

A M. P. F. não poderia ficar indiferente a êste acontecimento, tão grato ao coração dos cristãos e dos portugueses.

Nossa Senhora, no previlégio da sua Imaculada Conceição, é para nós ternura e glória; porisso, como humilde preito de homenagem, o nosso Boletim dedicará, durante êste ano, algumas páginas à Padroeira de Portugal.

E parece-nos que devemos começar por dar uma idéia, acessivel a todos, do dogma da Imaculada Conceição.

Este dogma foi proclamado por uma Bula do Papa Pio IX, em 1854.

Mas já, muito antes, os fiéis acreditavam piedosamente que Maria tinha sido concebida sem pecado: a eleição de Nossa Senhora da Conceição para Padroeira de Portugal, antecedeu 208 anos a bula dogmática.

Que afirma o Santo Padre, com a sua infabilidade pontificia, nessa Bula?

«Que a bemaventurada Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, foi, por uma graça e previlégio especial de Deus Omnipotente e em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do género humano, perservada e isenta de todos a mancha do pecado original, e que esta verdade é revelada por Deus, e, por conseqüência, deve ser firmemente e inviolavelmente acreditada por todos os fiéis».

Quando o Papa assim fala, em nome de Deus, quem não acredita nos seus ensinamentos deixa de pertencer à Igreja.

Mas nós, portugueses, não precisamos desta ameaça para aceitarmos a palavra do Papa: o nosso coração recebe-a com alegria!

Sim, nós acreditamos que a Virgem Santissima foi concebida sem mancha de pecado original!

Mas é bom que esclareçamos a nossa fé.

O dogma da Imaculada Conceição está intimamente ligado ao dogma da Incarnação do Vinho.

Deus, prevendo de tôda a eternidade a queda de Adão e Eva, também desde sempre pensou em restaurar a obra de Sua bondade, destruída pela nossa maldade.

O seu Filho único viria ao mundo, e, desde sempre, o Eterno Pai destinou a Mãe de que Ele nasceria. Essa mulher, presente no pensamento o no amor de Deus, antes de todos os séculos, o Senhor desejou-a cheia de graça, mais santa que todos os santos, mais formosa do que tôdas as criaturas. Desejou-a sem mancha, liberta de tôda a escravidão do pecado, tôda bela e tôda perfeita, numa tal plenitude de inocência e santidade, que abaixo de Deus não houvesse outra maior, e que nenhum outro pensamento, senão o do próprio Deus, pudesse medir-lhe a grandeza!

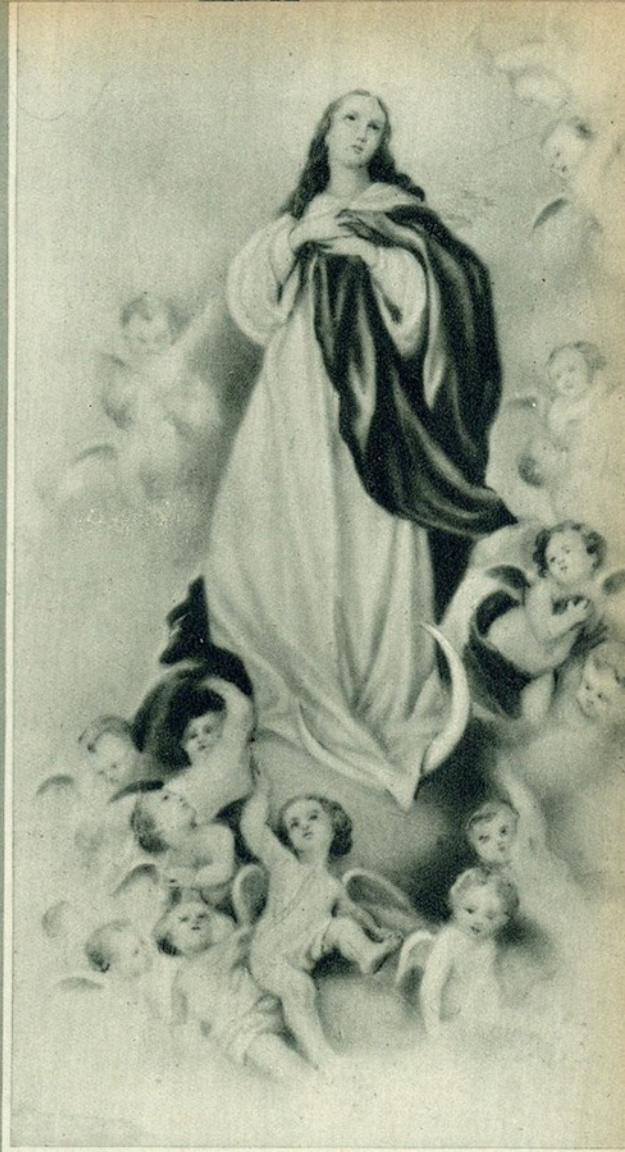
E assim devia ser. Pois se a Ela estava reservado esmagar a cabeça da serpente, segundo a promessa do senhor, como poderia o seu triunfo ser completo, se um instante sequer a serpente a tivesse tido sob o seu dominio?!

E se Ela tinha sido destinada para Mãe do Salvador, como poderia Aquele que saiu do seio de Deus — e é igual a Deus — incarnar numa mulher que não fôsse Purissima?

A inocência original da Virgem Maria é condição da sua dignidade de Mãe de Deus.

Nas obras e designios de Deus não há falhas. Tudo é lógico e perfeito.

A crença na Conceição Imaculada da Virgem Nossa Senhora, como já dissemos, era devoção da Igreja ainda antes do dogma ser proclamado, por inspiração divina.

Além de ser devoção particular de muitos fiéis, era-lhe já prestado culto público. A própria Igreja instituira a festa da Imaculada Conceição, com missa e ofício especiais.

Muitas Confrarias, e até Institutos religiosos, tinham sido estabelecidos em honra da Imaculada Conceição; muitos templos, mosteiros e obras pias tinham tomado êsse titulo.

Veremos noutro artigo o lugar de Portugal nessa devoção.

Maria Joana Mendes Leal

RAPARIGAS DE ONTEM

(Continuação da pág. anterior)

— Sinto passos, não falemos mais neste assunto, é tão triste para a Avó não ter notícias dum filho tão querido, que para ela é quási um neto, o tio Paulo tem menos 23 anos que o pai e menos 20 que a tia Lota. Penso muitas vezes como será êle agora. Lembro-me de um rapazinho, maior que nós, que brincava tanto...

A porta abriu-se com estrondo e entrou uma senhora dos seus quarenta e oito anos, alegre e bem disposta, com um vestido preto e branco muito elegante, que vinha adiante duma criada que trazia um tabuleiro com um serviço de chá em prata, torradas e bolachas.

— Meninas, aqui vimos para o chá. Gabriela, some essa máquina, que a Avó vem aí e detesta os modernismos, já eu lhe basto e as vossas primas para a arreliar.

E ao dizer isto olhou para a porta onde aparecia uma senhora de cabeça completamente branca, de grande distinção, que sorrindo respondeu:

— Não digas isso às pequenas; eu não sou contra o progresso, o que não gosto é de certas liberdades que agora se usam e admira-me como tu, Lota, educada como foste, as aceitas. Mas deixemo-nos de discussões e vamos ao nosso chá que num dia como hoje sabe muito bem.

Sentou-se junto à mesa e começou a servir o chá.

....

Enquanto as quatro senhoras tomam em socêgo o seu chá; vou dizer-lhes a história destas duas raparigas, que caídas num velho solar do Minho parece estarem tão fora do seu meio.

D. Maria de Melo, a avó das duas meninas, enviuvou e ficou com três filhos. João de Melo, Carlota e Paulo, êste, muito mais novo que os irmãos, foi um poço de mimo.

Carlota casou muito nova com um banqueiro e foi viver para o Pôrto. João de Melo entrou na diplomacia logo que acabou o curso de direito e casou com uma menina de Lisboa, de grande beleza mas sem fortuna e com ela partiu para uma côrte estrangeira onde tinha sido colocado como 2.º secretário da nossa Legação. Ali nasceu Gabriela e em seguida Maria Luísa; quando esta tinha três anos, a mãe, na fôrça da vida e no auge da beleza, foi atacada pelo tifo, que fazia vítimas na capital onde estavam e morreu.

O jovem viuvo pediu uma licença e veiu com as duas crianças e uma

(Continua na pág. 13)

D. Neve Vencida

Conto de CELESTE MENINA MORGADO — *Iluminura de* MARIA ANTÓNIA LUNA

Centro N.º 3 — Ala 2 — Estremadura — 3. PRÉMIO

EM Dezembro frio e agreste, foi habitar na Serra da Estrêla a D. Neve, senhora bela na sua palidez, suave e harmoniosa nas suas maneiras distintas e sedutoras. Dominava tôda a Serra, envolvendo-a com o seu manto alvíssimo de arminho gelado, abafando aqui uma florita retardada, queimando ali uma hortazinha verdejante e feliz, matando além o prado fôfo e tenro.

Os pegureiros viam com angústia, morrer os seus rebanhos por falta de pastagens. Percorriam Km. e Km., andando sempre por sôbre a neve, com a esperança a bailar-lhe nos olhos, a tristeza a inundar-lhes o coração, a amargura a fechar-lhes os lábios rudes de môços serranos.

—«E' Zé — chamava um — espera, home, não desacroçôes, parece-me que lá prò Cêrro das Cinzas há pasto bom. Vem daí comigo.»

— «Deixa-me cá Manel, de 70 animais que tinha já me morreram 38 cabeças, isto é que vai um tempinho!»

— «Ora — continuava o de maior ânimo — alembras te da minha Clarinha, aquela ovelhita branca qu'ê trazia ao colo? Pois também essa já se foi coitadinha! E se ê tive pena, morreu-me nos braços!» E assim se lastimavam os pobres pastores!

Aquela Senhora dona de tôda a Serra era linda, sim, mas tinha um coração frio, mau, cruel. A Dona Neve era impiedosa, era egoísta, era vaidosa! Como se sentia bem a prejudicar tudo à sua volta! Como se sentia feliz ao ouvir os grandes apreciadores de paisagem, que ao contemplá-la diziam: «Que maravilha, que encantador e surpreendente sonho!» Como se sentia lisonjeada quando os esquiadores alegres e juvenis, corriam vertiginosamente, deslizando por sôbre o seu tapête de brancura impressionante! Sim, ela era a maior maravilha, o maior encanto, a maior surpreza, sim, ela era um sonho! Ah! mas esquecia os outros seres que por baixo dela gemiam numa dorida angústia, numa cruciante agonia, esquecia, a egoísta, que sob êsse encanto dos seus admiradores, sob essa alegria dos desportistas, mil vozes de plantazinhas ténues, sofredoras, mil vozes de súplica, murmuravam lacrimosas:

— «Senhora, Senhora bela e poderosa, tem dó de nós, deixa-nos viver respirar o ar puro e bom que outrora possuíamos! Senhora, dá-nos uma gotinha de água, porque temos sêde, deixa-nos viver, deixa-nos viver...»

A Senhora erguia a cabeça altiva e continuava a ouvir impassível os queixumes dos passarinhos aflitos.

— «Dona Neve levanta, levanta por favor uma pontinha do teu manto descobre-nos uma árvozinha para nos abrigarmos. Dona Neve, destruiste as nossas casas, mataste já tantos amigos nossos! Levanta uma pontinha do teu manto!»

Mas nada, nada movia o coração impedernido da senhora bela na sua palidez, suave e harmoniosa nas suas maneiras distintas e sedutoras. Estendida por sôbre a Serra numa posição lânguida, a Senhora Dona Neve ia compondo as suas vestes alvas, com uma única preocupação: mostrar-se, mostrar-se cada vez mais deslumbrante, cada vez mais radiosa, mostrar o seu poderio! E assim, com gesto fino, ritmado, compôs o manto com tal brandura, que chegou de mansinho lá em baixo ao vale, impedindo a passagem ao riacho que com olhos tristes exclamava: «O' beleza das belezas, ó brancura das brancuras! Deixa seguir o probrezinho riacho, que sempre foi bom cidadão e por quem espera o ribeiro, servo dedicado de Sua Excelência o Senhor Rio.»

Não, não, a Senhora Dona Neve não descia a responder-lhe, não se curvava a falar aos seus inferiores.

* * *

Pela estrada que contorna a Serra, larga, ampla, ladeada de plantas silvestres caminhava vagaroza uma mendiga de rosto macilento, olhos encovados, brilhantes, febris. Acompanhava-a a sua única filhita, uma criancinha de 6 anos, frágil, mas alegre como um raiosinho de Sol que entra triunfante num canto escuro. O seu sorriso, cândido, quási angelical, tinha o condão de amansar os mais cruéis, os mais duros corações. O seu olhar puro, terno, confortava um pouco o triste, monótono, doloroso olhar de sua mãe. A mendiga já exausta, enregelada, dizia à criança:

— «Filha, meu amor! Parece-me que estamos perdidas! Aí vem a neve fria, descendo a Serra, em breve estará aqui junto de nós!»

— «E depois, mãezinha, dize, que acontece depois?» — preguntava a pequena Maria com o seu sorrizinho inocente».

— «Oh, — prosseguia a mãe — depois, será a morte!»

A Senhora Dona Neve, que escutava a conversa, sentiu-se ofendida: então ela, a dona das alturas, a maior maravilha, o maior encanto, a maior surprêza, era assim descategorizada por uma miserável pedinte!... Como se atrevia a dizer «a neve», omitindo o tão cerimonioso «dom»!

E raivosa ousou pronunciar: «Pois hei-de matar mãe e filha!»

Então, com fúria de cavalo espicaçado, com ira de cão raivoso, com ímpeto de cavaleiro bandido, a Senhora D. Neve, despiu-se da sua magestade e começou a luta.

Furiosamente, atirou-se pela encosta da Serra, fumegando de raiva. Mãe e filha, apavoradas, procuravam fugir-lhe, mas ela, com velocidade de relâmpago alcançou-as e estendeu-se vitoriosa por sôbre a estrada. Oh! Como era cruel, como era covarde, como era vil, a Sr.ª D. Neve, a etérea, a fantástica D. Neve, lutando assim contra duas pobres criaturas inocentes, fracas, infelizes. — «Vês, vês, Maria, eis o que eu esperava; estamos perdidas,» dizia angustiada a pobre mãe. E com voz mais fraca ainda, com voz sumida, exclamou reünindo tôdas as suas fôrças. — «Corre, Maria, vai tu, vê se podes chegar além àquela casa, eu não posso, eu morro aqui.» E apontava trémula com a mão emagrecida uma azenha pequenina que lá ao longe avistava e onde sua filha poderia abrigar-se. Mas a criança não quis. Compreendeu que se a mãe ali ficasse, enregelava e nunca mais se poderia levantar. Então com meiguice, puxou a mãe, dizendo: «Mãezinha, anda, é só mais um bocadinho!» Como única resposta a pobre mulher suspirou e murmurou num último esfôrço: «Não posso!»

A garotinha carinhosa, mas com as lágrimas nos olhos, procurava aquecer o corpo da sua desventurada mãe, com as suas pequeninas e aveludadas mãos. Mas não conseguia reanimar a mendiga desfalecida e recorreu às precezinhas que sua mãe lhe ensinara. Rezou o Pai Nosso, a Avé-Maria e pediu confiante:

«Senhor, Senhor Deus do Céu, olha, a Maria tem sido boazinha e a mãe disse-me que se eu me portasse bem até te podia pedir a Lua, que Tu davas. Mas eu não quero. Vês a minha mãe? Eu não a quero morta, eu quero que ela vá comigo para aquela casa. Levanta-a, tira isto branco que não nos deixa andar, tira daqui isto frio que eu não posso tirar com as minhas mãos. O' meu Menino Jesus, levanta a minha mãezinha, eu não quero a Lua, quero a minha mãe».

E Deus, Bondade e Justiça Infinita, ouviu os brados da criancinha inocente que se juntavam aos de tantos outros sêres subjugados e resolveu castigar a tirania. Deu ordem ao Sol para que estendesse os seus braços e afagasse mansamente tôda a Serra, substituindo a friagem petrificante por um calorzinho ameno e consolador.

E a vaidosa D. Neve viu angustiosamente as suas vestes desfazerem-se e desfazer-se também o seu esbelto corpo.

— «Ah! Exclamou ela abatida. — Venceste criança, venceram todos os meus inferiores, venceram-me todos!»

E Deus, com voz serena e forte volveu-lhe:

«NÃO, FOI A HUMILDADE QUE VENCEU A SOBERBA, A INOCÊNCIA QUE VENCEU A MALDADE, A DOÇURA QUE VENCEU A ARROGANCIA!

EMBAIXATRIZES

SER embaixador de alguém é representá-lo junto de outro; mostrar a verdadeira personalidade daquele que se representa; torná-lo conhecido, amado. E' uma grande honra para um homem ser embaixador do seu país, honra por vezes carregada de sacrifícios, mas honra sempre.

Incarnar, por assim dizer, a sua pátria num país estrangeiro. Falar em nome dela; mostrar as suas qualidades, as suas glórias; assumir as suas responsabilidades.

Há embaixadas de vários modos e diversos fins: políticas, intelectuais, religiosas e desportivas.

Portugal parece ter a especialidade das embaixadas. Deram brado em Roma as que os nossos reis D. Manuel I e D. João V mandaram ao Papa como homenagem e preito de submissão. A sua magnificência, as dificuldades de viagem que venceram a gente que as compunha, as ofertas que levavam, impressionaram a cidade eterna.

E quantos dos nossos intelectuais, dos nossos heróis, dos nossos diplomatas, dos nossos artistas, dos nossos missionários, têm elevado e glorificado lá fora o nome de Portugal em brilhantes embaixadas.

Numa hora feliz o Comissariado da M. P. F. lançou a iniciativa das Embaixadas da Alegria e da Bondade.

Raparigas alegres e carinhosas, foram junto das crianças, dos doentes, dos anormais, dos encarcerados, levar uma mensagem que os alegrou e enterneceu.

Do Norte ao Sul de Portugal, a mocidade animou-se num movimento de dedicação e generosidade, distribuindo, junto com os bôlos que levava, a palavra de carinho que conforta. O sorriso amigo acompanhou as distribuições de tabaco; as representações, as danças e os coros foram tanto ou mais apreciadas que os presentes e os doces.

A alegria e a bondade misturaram-se, confundiram-se, fizeram um todo.

De resto, elas não extranharam, são irmãs gémeas e tôda a vida se têm dado muito bem. Mas pensai, raparigas, que não são só os doentes e os asilados que têm necessidade da vossa bondade e da vossa alegria. O mundo de hoje, tantas vezes grosseiro, egoísta, material, precisa de vós!

Desenvolvei cada vez mais no vosso coração essas duas virtudes e depois ide em embaixada permanente, vivei como embaixatrizes da bondade e da alegria.

Nas «embaixadas»: a nota alegre ou comovida das representações...

Mostrai à sociedade e ao mundo a bondade! Essa delicada virtude feminina da dedicação, do esquecimento de vós mesmas, sem a qual nunca sereis mulher de valor em campo nenhum.

Nas pequenas coisas, num gesto, num sorriso, numa palavra, mostrai ao mundo a bondade, a virtude cristã por excelência, que cada vez é mais necessária para amar, perdoar, dar, sorrir.

Que essa bondade seja amassada em alegria, em espírito largo, aberto, risonho.

A alegria verdadeira, sã, que não mente, só parte da alma boa.

A maldade é sombria, a inveja triste, o ódio irritado; só a bondade enche o coração de alegria, que se vem reflectir nos olhos, na bôca, na vida.

E a humanidade sente-se atraída pela alegria! E Deus sente-se louvado e compraz-se na alegria dos seus filhos!

E vós, raparigas, sereis mais felizes, mais bonitas, na alegria!

Sêde embaixatrizes da bondade e da alegria no mundo moderno!

Maria Augusta d'Alpuim

RAPARIGAS DE ONTEM

(Continuação da pág. 13)

«nurse» inglêsa para casa da mãe, o velho solar do Minho onde junto duma grande alma a sua dôr se foi acalmando, e as crianças crescendo e desenvolvendo-se. Passados dois anos retomou a sua carreira e partiu para Paris onde foi colocado. Mas as saudades das filhas eram tão grandes que quando uma delas tinha 7 anos e a outra 6, mandou-as ir com a «nurse» para junto dêle e pouco depois, tendo sido chamado ao seu país a «nurse» em quem tinha a maior confiança, resolveu metê-las no Colégio do *Sacré Coeur*, internas. Ali as pequenas receberam sólida educação religiosa e além disso instrução e preparação para a vida, porque já nesse tempo em França, nos colégios religiosos, se dava uma educação útil, como agora se faz em Portugal, e não o que muita gente julga da educação religiosa.

O que eram os dias de saída para o pai e para as filhas não se calcula. A alegria dos passeios ao *Bois*, a *Vincennes*, a *Saint Cloud*; o interêsse na *«toilette»* das pequenas era para o pai enorme, no cuidado de fazer delas umas raparigas requintadas. Nas férias grandes iam sempre para uma praia pacata onde elas tomavam bom ar, e assim *Cap Breton*, com a sua extensa praia de areia, e *Wossegors* com os seus pinhais faziam a delícia das pequenitas, e para o pai a sua companhia era um preservativo de loucuras naturais dum homem ainda novo, que vivia numa cidade de tentações. O amor às filhas e a saudade da mulher evitaram-lhe segundo casamento e compromissos censuráveis.

Quando Gabriela tinha 16 anos saíram do Colégio e foram viver com o pai. Que alegria foi para os três! A filha mais velha tomou a sério o seu papel de dona de casa, que se ligava bem com o seu carácter grave e reflectido. Maria Luísa dava mais que pensar ao pai; impulsiva e muito inteligente, a sua fantasia era enorme e a sua educação numa cidade como Paris dava-lhe uma originalidade e graça que a tornavam notada.

O pai completou a sua educação levando-as a conferências, a teatro escolhido e aos museus. No Inverno raro era o domingo, dia que êle tinha mais livre, que os três não passassem horas no *Museu do Louvre* contemplando obras célebres, ou no *Museu de Cluny*; no *Jacquemart André* e outros museus. Assim lhes ia afinando o gôsto. Dois anos depois foi colocado em Londres e partiu com as pequenas. Foi para elas um delírio a instalação; a vida sorria aos seus poucos anos. Ambas muito bonitas, cada uma no seu género, atraíram simpatias. Gabriela, um pouco reservada, agradava mais aos amigos do pai; Maria Luísa atraía a gente nova, e com a situação que tinham, a vida corria-lhes agradável. O pai, além do seu lugar, tinha recebido a sua parte na herança do pai e viviam muito bem, sem pensar no dia de amanhã, e êsse *amanhã* chegou mais cêdo do que pensavam.

João de Melo com saudades da Mãe e do Natal português, resolveu vir passar o Natal ao Minho. Queria mostrar à família as filhas que tanto o encantavam.

E vieram; ao passar em Paris, à saída da Ópera, constipou-se, não fez caso: em Portugal curava-se num instante! Não foi bem assim. As pequenas gostaram muito de Lisboa e Pôrto, onde estiveram uns dias em casa da tia Lota, e seguiram todos para o Minho passar o Natal. A tosse e uma ligeira temperatura mantinham João de Melo num estado doentio a que ninguém ligava importância. Em Janeiro partiram de novo para Londres; quinze dias depois declarou-se uma bronco-pneumonia e oito dias depois já não era vivo.

As pequenas ficaram completamente aniquiladas. As muitas amigas que tinham valeram-lhes, principalmente uma amiga da mesma idade, filha do Secretário da Legação de França, que, filha única, tinha pelas duas pequenas a mais sincera amizade de irmã.

Um mês depois as pequenas desembarcavam no Tejo e seguiam para casa da Avó, onde as encontrámos oito mêses depois. Gabriela resignada, Maria Luísa pensando sair daquela vida monótona. Gabriela tinha o feitio bem caseiro da mulher portuguesa, herdara o amor à casa, à família, o desejo da estabilidade. Maria Luísa tinha a fantasia da Mãe e essa tendência para a emigração da raça minhota.

E assim todos os dias discutiam o que seria a sua vida, sem que uma solução se oferecesse. Seria a carta que nessa tarde cinzenta de equinócio de Setembro Gabriela escrevia à máquina a Colette de Villemaison, que traria solução para as duas pequenas.

(Continua)

MARIA D'EÇA

MARIA JÁ CASOU

— Que tens tu, Maria? Choraste? — e Marta abraçou ternamente a irmã.

— O Manuel está doente, e não sei o que faça!

— A primeira coisa é chamares o médico.

— Êle não quere! São tudo despesas... Diz que não tem nada.

— Não te excites e trata de chegar a uma conclusão. Êle tem febre? Puseste-lhe o termómetro?

— O termómetro? Mas eu não tenho termómetro!

— Faz falta numa casa; tens de o mandar vir. E doe-lhe a cabeça? Está engripado? Um bom chá quente, um comprimido de aspirina...

— Não temos nada disso cá em casa: nunca nos lembramos que podíamos adoecer...

— Pois fizeram mal, minha filha: é preciso prevermos antes de ter de remediar. Vou contigo ver o Manuel.

E as duas irmãs foram ao quarto conjugal, onde Manuel, com um princípio de gripe, se deitara sôbre a cama.

— Isto não é nada — declarou êle logo. — Doe-me a cabeça, as pernas, e sinto-me febril — acrescentou.

—Creio que bastará a aspirina, Manuel; e como vocês não a têm cá em casa, vou-lha mandar, assim como o termómetro. E se êle logo não estiver melhor — acrescentou Marta, baixinho, saindo com a irmã — então telefona ao médico para vir vê-lo.

Já no corredor, Marta tornou:

— E' absolutamente indispensável, Maria, ter-se sempre em casa uma pequena botica.

— Mas como? Onde? — perguntou Maria.

— Se não tens um dêsses armarinhos modernos, pequeninos, brancos, que se pregam na parede da casa de banho, arranja uma caixa grande, ou mesmo uma gaveta larga. E aí, tens de ter, pelo menos:

Um termómetro; um pacote de algodão hidrófilo; aspirina; tintura de iodo; borato de sóda; água oxigenada; fenosalil; 1 lata com gazes, ligaduras e adesivo.

— Ih, tanta coisa, Marta!

— Não sejas criança, filha. E' preciso saber acudir prontamente ao princípio das doenças, aos desastres, aos golpes, etc., etc.

E, tendo a tua botica fornecida, evitas muitas demoras. E' evidente que tens de saber aplicar as drogas...

— Nem sempre é fácil...

— Ora, adeus; é aplicar o raciocínio... e não é, ouve-me bem! substituir o médico. Agora vou-me para casa o mando-te já o termómetro e a aspirina. Com o chá bem quente, vê lá!

E Marta saiu apressada, deixando Maria a pensar na instalação da sua botica caseira.

CHÁ DA COSTURA

— Já pensaram bem que estamos em Janeiro? — perguntou Clara, naquela tarde fria e chuvosa.

Todas levantaram as cabeças, admidas.

—Então Janeiro é diferente dos outros meses?! — exclamou Joana.

— E' o primeiro do ano, Joana: é o que enceta, por assim dizer, a série tôda pelo ano adiante.

— E então?? — tornou Joana, sem compreender.

— Já vejo que nenhuma de vocês teve a mesma idéia do que eu — declarou Clara — e como a idéia me parece boa, vou desenvolvê-la. Mas vão cosendo, meninas, não percam tempo.

E, enquanto a actividade aumentava entre o alegre grupo, Clara explicou:

— E' em Janeiro que devemos estabelecer os nossos planos de trabalho para todo o inverno. Planos de costuras, de leituras, de estudo...

— Ora essa, Clara, e não haverá lugar para divertimentos?! — perguntou Joana, de sobrolho franzido.

— Pois claro que há, Jana! — respondeu Clara a rir — Mas para isso... não são urgentes os planos, bem vês: surgem com frequência e, sendo próprios, dão-nos alegria e boa disposição.

Mas os planos sérios, êsses, exigem de nós fôrça de vontade, tenacidade, desejo de cumprir.

— Que planos tens tu, Clara? — perguntou Alice, curiosa.

— Tenho imensos; e espero poder realizá-los. Não vale a pena dizer-lhes o que são os meus planos: basta que lhes diga que nêles entra muita actividade colectiva, muito estudo de história, (que é o meu maior entusiasmo), algum trabalho pianístico, (para pôr em dedos uma infinidade de coisas esquecidas), várias obra em «filet», que são precisas lá em casa, a adaptação portuguêsa de um delicioso livro inglês, a organização de uma assistência infantil...

— Não digas mais, Clara! é impossível que faças tudo isso êste inverno — declarou Maria José.

— Com saúde e calma tudo se faz muito bem. E querem saber uma coisa, ricas? E' que quando pego numa fôlha de papel e escrevo nêle os meus belos planos... tenho quási a certeza de poder realizá-los!

— Pois eu farto-me de fazer projectos e sai tudo sempre ao contrário! — disse Joana, desconsolada.

— Experimenta o meu sistema, Jana — aconselhou Clara — escreve num papel o que queres fazer êste inverno...

— Se eu seguisse o teu conselho punha já no tal papel: divertir-me, dançar, rir, não trabalhar, e... casar com um rapaz estupendo!

Foi uma gargalhada geral. E quando acalmaram viram Rita, socegada a um canto, a escrevinhar. Clara perguntou-lhe:

— Estás a escrever os teus planos, Rita?

— Estou; e vou lê-los alto, para depois do inverno verem se os realizei ou não — respondeu Rita. E, pegando no papel leu!

Antes da Páscoa, hei-de fazer os casaquinhos para os pobres; hei de acabar a almofada para a salinha da Mãe, (começada há que tempos); hei-de ensinar a ler a pequena da lavadeira, (que é uma patetinha); nunca hei-de faltar à Catequese, (como fiz no inverno passado muitas vezes); hei-de acabar de ler as peças de Shakespeare, (faltam-me só quatro); hei-de chegar à Revolução Francesa no estudo de História Universal, (com datas e tudo); acabar de ler o Monge de Cister, (já o comecei a ler há que tempos); hei-de dar passeios a pé tôdas as manhãs; hei-de fazer companhia à tia Henriqueta, (que tem 80 anos) uma vez por mês...

— Não te esforças muito com a pobre senhora! — observou Joana.

Rita continuou:

— ...e também ajudar a Mãe no govêrno da casa — concluiu Rita, satisfeita e aliviada.

— Verás que cumpres tudo lindamente! — disse Clara, abraçando-a, a rir.

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
Desenhos de GUIDA OTTOLINI

GENTE NOVA

VII

Era o dia dos anos de Manuel; e o avô resolvera festejá-lo com uma dessas festas modernas em que, das seis e meia à meia noite, se dança, conversa e toma bebidas variadas, acompanhadas de requintados acepipes e pratos substanciais.

Um terceto animado tocava na sala grande; pois o general preferira que a T. S. F. ou a grafonola, aliás óptima, fôssem substituidas por artistas verdadeiros.

E na esplêndida casa de jantar, cujas três janelas de sacada abriam sôbre o terraço do qual se descia para o jardim, estava a mesa coberta de deliciosas iguarias; desde os dois enormes perús assados nas cabeceiras da mesa, às variadas galantines, e aos múltiplos pratinhos de croquettes, filetes, pastéis, sanduiches, «petits fours», dôces de ovos, rebuçados e bombons.

Num extremo da sala havia chá e chocolate; no outro um belo serviço de vinhos e «cock-tails», entre os quais um dêles inventado pelo próprio Manuel, o herói do dia: e Manuel era o «barman» naquela tarde.

— Como se chama o teu «cock-tail», Manuel? — preguntou a Chucha, bebendo um cálice da exquisita bebida que lhe provocara um forte ataque de tosse e caretas incomensuráveis.

— Posso dar-te a honra de o baptisares, Chucha! — respondeu Manuel, com gentileza. — Mas vê se inventas um nome sugestivo e dinâmico...

A Chucha, bebendo outro gole, declarou, franzindo o nariz:

— Não sei o que esta droga me faz lembrar... Parece aguaraz misturada com tintura de iodo, mostarda, sumo de limão e pimenta em grão desfeita em gasolina e gin! E' colossal, Nel!

Manuel sentia-se lisongeado com a descrição.

— E o nome? — tornou.

— O nome... o nome... olha, já sei: Piramidal Espampanante!

O general andava entre os grupos, feliz por vê-los dançar, ouvi-los rir, senti-los contentes com tudo e com todos.

Como não era ainda muito velho, pois os seus setenta anos mostravam-se vigorosos e cheios de vida, gostava de rodeiar-se de gente môça; e interessavam-no as mentalidades da nova geração tão diferente do que fôra a sua...

Com Francisca Tereza, a neta preferida, discutia às vezes êsses assuntos e apreciava o seu raciocínio, sensato e fino. Sendo moderna, Francisca Tereza tinha um pensar quási austero.

Admirou-se, porém, de a encontrar, pensativa, no vão de uma janela, olhando as velhas pimenteiras que ensombravam o jardim.

— Que fazes, Tété? Abandonas as tuas visitas?!

Francisca Tereza voltou-se, risonha.

— Foi um momentosinho só, Avô. Pediram-me para esperar nesta salinha...

— Pediram-te? Quem, minha filha?

— E' uma brincadeira, Avôzinho. Mas eu prometi... e estou à espera do José Paulo, que quere falar-me não sei de quê.

O avô abanou a cabeça e saiu devagar sem dizer nada.

José Paulo entrou minutos depois. Acabara de dançar com a Chucha e vinha alegre, animado, talvez por ter também engulido o terrível «Piramidal Espampanante» inventado por Manuel.

— O Avô admirou-se dêste àparte, você sabe? — disse Francisca Tereza, deixando-se ficar no vão da janela.

— A idade dêle já não pode compreender os nossos actos, os nossos pensamentos; nem muitas vezes os nossos planos.

— Não, José Paulo, o Avô é mais novo do que alguns novos. Mas... vamos ao que importa. Porque não me disse você o que queria quando dançámos ainda agora?

José Paulo acendeu um cigarro e propôs:

— Você hoje está arisca, Tété; vamos sentar-nos no sofá e conversar com socêgo.

— E' bom de dizer, mas lembre-se que tenho de ir receber as visitas!

— Estão animadíssimos a jogar jogos de escrever na sala pequena; nova idéia do seu avô! A Domingas, com a Chucha, ajudam a sua mãe e a sua irmã. Agora não a deixo sair daqui antes de um bom quarto de hora, Tété — tornou o rapaz, com autoridade.

Francisca Tereza suspirou e foi sentar-se numa larga poltrona, enquanto José Paulo se instalou no sofá.

— O que pensa você do casamento, Tété?

— O que penso?! Que é um sacramento grave, gravíssimo, que eu encaro, de resto... com bons auspícios! — acrescentou, sorrindo.

— Que estranha resposta numa rapariga moderna! Então a primeira coisa em que você pensa, quando se fala em casamento, é na parte grave, pesada, maçadora, mesmo! Então que lugar dá ao Amor, que é o número um do casamento? E à riqueza, que é para mim outra espécie de número um? — e José Paulo ria, mostrando uma enfiada de dentes grandes e brancos. Mas Francisca Tereza não riu. Ficou um momento calada, e tornou:

— Sim, o amor é a base única do casamento, José Paulo. Mas o que é o amor se não fôr sagrado pelo Sacramento? Para mim, você creia isto, um casamento sem amor seria impossível; mas eu junto sempre ao amor, a grandeza, a idéia litúrgica, mesmo, do sétimo Sacramento.

— Ai, Tété, deixemos essas maçadas, que não levam a nada de agradável. Você é a rapariga mais estupenda que eu conheço, sabe? — tornou, sorrindo.

Francisca Tereza côrou de prazer. Sentia o coração bater, apressado; mas não se atrevia agora a encarar aquêle rapaz que desconhecia a timidez, a hesitação, a dúvida de si mesmo...

— Eu resolvi casar consigo, Tété. Mas quero ter a certeza absoluta que você está pronta a esperar por mim um ano ou mais.

— Esperar por si, José Paulo? — perguntou ela, sem compreender.

— Penso ir à América por um tempo indeterminado. Talvez meses, talvez um ano, talvez mais; e quero que se considere minha noiva, Tété. Quando eu voltar, e volto rico, riquíssimo, então casamos. Terá todo o seu gôzo na liturgia católica do casamento! — acrescentou, a rir.

— Oh José Paulo, não ria de coisas tão santas! — respondeu Francisca Tereza.

— Você não é crente como eu?

— Sou relativamente católico, esteja descansada; e acho de mau gôsto, até, não praticar, visto que pais e avós o fizeram sempre. Mas... depois de estarmos casados você tratará de reforçar o meu catolicismo. Agora responda-me: quere ficar sendo a minha noiva desde já? Nesse caso (e eu não duvido um momento, Tété) venho amanhã falar com a sua gente. O meu pai é muito seu amigo, sabe? E o seu pai parece gostar de mim. Que me diz?

Francisca Tereza olhava agora a linda fisionomia do rapaz, um pouco curvado sôbre ela; os olhos grandes, pestanudos, de um cinzento de aço, reflectindo a energia daquela alma viril.

Sentiu o seu coração encher-se de amorosa ternura; levantou-se devagar, entregou as duas mãos às mãos finas de José Paulo e respondeu, com um sorriso feliz:

— Sou a sua noiva, José Paulo! E esperarei por si todo o tempo que fôr preciso!

José Paulo beijou-lhe as mãos ambas; e, de braço dado, voltaram para a sala, onde recomeçara a dança com entusiasmo, ao som de uma valsa rítmica e linda, que dançaram lenta e amorosamente.

— Vocês parecem entender-se muito bem. E a tua cara não é a de todos os dias, Tété — murmurou a Chucha, quando passaram por ela, a valsar.

— Você deu no vinte — respondeu-lhe José Paulo, a rir.

E, tôda aquela tarde, Francisca Tereza viveu intensamente o seu sonho de amor...

(Continua)

INVERNO

1 — Para aquelas que vivem no norte do país ou nas serras onde neva todo o inverno, propomos êste engraçado conjunto: — Saia (ou vestido inteiro) em lã, castanha; casaco de malha feito à mão a duas agulhas, castanho com riscas brancas; casacão 3/4 verde escuro, farto (aproveite o velho casacão que já lhe está apertado, volte-o, puche-o a cima e ponha-o ao corpo, sôbre o largo) forrado de lã branca.

Luvas e capuz de «crochet» em lã branca com franja grossa feita à agulha de «crochet». O capuz deve ser forrado por dentro para impedir o vento de penetrar. Forre com flanela ou qualquer retalho que tenha, em lã, seda ou algodão. — O saco verde escuro é feito de um retalho do casaco ou em pasta de feltro, bordado a lã e ponto de «pé de flôr» nas côres castanho e branco, formando quadrados. Franja de lã verde e cordões de lã torcidos à mão. Para o fundo do saco empregue um cartão duplo bem rijo.

As côres devem ser alteradas segundo as conveniências de cada uma.

* * *

2 — Para Madalena que cresceu muito e teve que fazer casaco novo, o clássico casacão que serve para tôdas as ocasiões e tem um ar tão desportivo.

* * *

3 — Saia para usar com camisolas ou blusas de manga comprida. Reparem no lindo corte para dar roda em baixo.

* * *

4 — Blusa em flanela de lã às riscas encarnadas e brancas. Confortável e bonita. Bom para Ilda que é morena.

* * *

5 — Para Lucrécia que é loira êste casaco à americana azul marinho com ombros «raglans», mangas largas, botões fantasia simples na mesma côr. Chapeuzinho e saca iguais. Só convém a raparigas delgadas.

* * *

6 — Bonita blusa em seda às risquinhas. Bom para aproveitar um vestido velho de verão. Faz «toilette». Para raparigas de 19 anos em deante.

* * *

7 — Camisola de malha guarnecida com fita de setim do mesmo tom ou côr condizente.